



RESISTÊNCIA E SILENCIAMENTO: o discurso do empoderamento do cabelo crespo no livro infantil “*Meu crespo é de rainha*”

Cibely Eugênia da Silva¹

1 O CABELO CRESPO E A ANÁLISE DO DISCURSO PÊCHEUTIANA

Vamos orientar nossa análise, inicialmente, situando a teoria a qual nos filiamos, que é a Análise do Discurso de linha francesa, doravante AD. Após leitura em diversos textos dentro da área, iremos sintetizar o que é a AD e seu campo de atuação. Segundo os apontamentos de Pêcheux e Fuchs (1997) e Orlandi (2015), a AD é uma disciplina de confluência entre o marxismo (materialismo histórico), como uma teoria das formações sociais, incluindo-se a ideologia; a linguística, como teoria dos mecanismos sintáticos e dos processos de enunciação; e, por fim, a psicanálise, uma vez que o sujeito é afetado pelo inconsciente. Assim, a teoria discursiva contempla os conceitos de história, língua, ideologia e inconsciente, por isso foi essencial o viés analítico para além do trato formalista da linguagem, pois, para o pensamento pêcheutiano, o sentido não está claro, óbvio ou transparente, considerando-se a opacidade da materialidade aí presente, já que o sujeito não é estratégico e nem origem do dizer.

Dito isso, voltamos nosso olhar para o livro infantil “*Meu crespo é de rainha*”², publicado nos Estados Unidos em 1999 e traduzido para o Brasil em 2018, da autora norte-americana, negra, ativista e feminista bell hooks³. O título original da obra é *Happy to Be Nappy* cuja tradução aproximada é “Feliz em ser crespa”. Realizamos algumas pesquisas na Internet e verificamos que algumas traduções optaram por

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Alagoas, possui bolsa financiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) e realiza pesquisas com o Grupo de Estudos em Discurso e Ontologia (Gedon).

² Para maior detalhamento sobre este ponto, verificar informações no site: <https://lunetas.com.br/meu-crespo-e-de-rainha/>.

³ Gloria Jean Watkins assumiu o nome bell hooks para fazer uma homenagem a sua bisavó, Bell Blair Hooks. A escrita em letras minúsculas reflete a posição da escritora como ativista e feminista negra. Para maior esclarecimento sobre isso, verificar os sites: <https://www.geledes.org.br/o-empoderamento-necessario/> e <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2018/04/18/O-livro-infantil-que-incentiva-meninas-negras-a-amarem-seu-cabelo-crespo>.

usar “Feliz em ter cabelo ruim”. No entanto, é bom ressaltar que a expressão *Nappy* vem ganhando espaço como termo para empoderamento, por isso a tradutora Nina Rizzi escolheu este caminho para tradução da obra. Neste ponto, faremos algumas observações a respeito de algumas escolhas lexicais feitas para a tradução do título. Pensando em uma análise puramente sintática, **crespo** indica o sujeito da oração e o elemento central para quem toda a ação fará referência, ou seja, podemos supor, a partir da sentença, que o conteúdo da obra tratará de cabelos crespos. De acordo com Bechara (2009, p.408), o sujeito é a unidade ou o sintagma nominal que estabelece uma relação predicativa com o núcleo verbal para constituir uma oração. No entanto, podemos perceber que, para além do sentido da posse, próprio do pronome **meu**, há uma preocupação do enunciador em se colocar como o sujeito da instância discursiva. De acordo com Benveniste (1995, p. 281):

Quando o indivíduo se apropria dela, a linguagem se torna em instâncias de discurso, caracterizada por esse sistema de referências internas cuja chave é eu, e que define o indivíduo pela construção linguística particular de que ele se serve quando se enuncia como locutor. Assim, os indicadores eu e tu não podem existir como signos virtuais, não existem a não ser na medida em que são atualizados na instância de discurso, em que marcam para cada uma de suas próprias instâncias o processo de apropriação pelo locutor.

Em relação ao predicativo do sujeito **de rainha**, Bechara (2009, p. 425) diz que o predicativo do sujeito é o portador de referência a traços essenciais do sujeito. Continuando nessa linha de análise, trazemos alguns significados, pensando nos termos de Saussure, que o dicionário Houais disponibiliza para pensar qual poderia ser o sentido associado ao termo proposto por hooks. São eles: i) Esposa de um rei; ii) Soberana de um reino; iii) Fêmea fecunda, entre os insetos sociais (abelhas, formigas, térmitas). Assim, vamos pensar estes significados a partir de uma perspectiva discursiva, de acordo com da Silva Sobrinho (2007, p. 141): “O processo discursivo é aqui pensado como um movimento, reformulação do discurso que se efetua nas práticas históricas. Na prática de dizer o mundo, os sujeitos e os sentidos se constituem simultaneamente”. Neste caso, podemos pensar que a característica atribuída ao sujeito teria um sentido relacionado ao primeiro ponto i) Esposa de um rei ou ao segundo ii) Soberana de um reino, pois o terceiro ponto distancia-se bastante do sentido proposto no título do livro.

Assumindo, ainda, com da Silva Sobrinho (Idem, p.141) que “os sujeitos e os sentidos se constituem nos processos históricos” e que “todo discurso se constitui a partir de uma memória, de ditos anteriores em condições outras que são retomadas na atualidade enquanto ‘repetição’”, destacamos a figura da rainha mexe com o imaginário infantil, principalmente se lembrarmos da década de 1990, época marcada pelas animações produzidas pelos estúdios Disney com representações de reis e rainhas de pele branca, com cabelos lisos e olhos claros. Logo, ao escolher o cabelo crespo como temática, percebemos a desidentificação do sujeito com a formação discursiva que foi imposta há anos pela indústria de desenhos animados, ou seja, o caminho a ser abordado dentro da obra será o enaltecimento (“de rainha”) do sujeito que opta por assumir o cabelo mais estigmatizado socialmente.

O sentido, então, é o resultado de sua imersão em uma formação discursiva, FD, pois uma mesma palavra varia de uma FD para outra. O sentido desliza e define a inserção do sujeito em uma FD ou em outra. Nas palavras de Pêcheux (2010, p.146) “as palavras, expressões, proposições etc., mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam, o que quer dizer que elas adquirem seu sentido em referência a essas posições, isto é, em referência às posições ideológicas nas quais essas posições se inscrevem”. Neste caso, a produção antagônica de sentidos está relacionada com o lugar social que o sujeito do discurso ocupa num dado momento histórico, e com a(s) formação(ões) discursiva(s) ligadas à sua inscrição, por isso, a mesma palavra pode ter sentidos diferentes, e, em outros momentos, diferentes palavras podem produzir sentidos semelhantes. Orlandi diz que (2016, p. 55) “Não há sujeito, nem sentido, que não seja dividido, não há forma de estar no discurso sem constituir-se em uma posição-sujeito e, portanto, inscrever-se em uma ou outra formação discursiva [...]”.

Se a análise escolhida fosse puramente a linguística formal, poderíamos fazer algumas considerações finais e seguir adiante sem conhecer o tema tratado no livro em tela ou o objetivo de hooks ao escolher conduzir um diálogo com crianças de cabelo crespo. Contudo, precisamos romper a barreira estrutural e ir além das noções sintáticas para compreender quais sentidos circulam dentro da sociedade capitalista a partir dessa obra. Ainda sobre essa questão, **crespo** (*Nappy*) levanta uma discussão complexa dentro do próprio movimento de assumir o cabelo

afrodescendente, uma vez que há uma posição hierárquica que atribui valor a partir do que seria um cabelo com textura hegemônica enquanto “modelo” de belo na sociedade capitalista ocidental, ou seja, o cabelo crespo possui textura diferente do liso, ondulado e cacheado, e sempre foi inferiorizado em relação aos outros tipos por ser considerado o mais frizado, ressecado e opaco, ou seja, o mais “feio”.

Sendo assim, assumir esteticamente esta característica é um ato político e simbólico que conduz a um processo de ressignificação dos sujeitos, uma vez que a construção da autoestima da criança também está relacionada à representatividade em espaços midiáticos e físicos. De acordo com Gomes (2012, p. 3):

O cabelo do negro, visto como “ruim”, é expressão do racismo e da desigualdade racial que recai sobre esse sujeito. Ver o cabelo do negro como “ruim” e do branco como “bom” expressa um conflito. Por isso, mudar o cabelo pode significar a tentativa do negro de sair do lugar da inferioridade ou a introjeção deste. Pode ainda representar um sentimento de autonomia, expresso nas formas ousadas e criativas de usar o cabelo.

Na AD pêcheutiana, o sentido é o resultado de sua imersão em uma formação discursiva, FD, pois uma mesma palavra varia de uma FD para outra. Pensando nisso, entendemos que ao escolher a tradução crespa e não cabelo ruim para *Nappy* houve uma identificação com a formação discursiva que está conduzindo os sujeitos para um movimento de empoderamento do cabelo crespo, isto é, de cabelo ruim o sentido deslizou e definiu a inserção do sujeito em uma nova FD. Neste caso, a produção antagônica de sentidos está relacionada com o lugar social que o sujeito do discurso ocupa num dado momento histórico, e com a(s) formação(ões) discursiva(s) ligadas a sua inscrição, por isso, a mesma palavra pode ter sentidos diferentes, e, em outros momentos, diferentes palavras podem produzir sentidos semelhantes. Orlandi (2016, p. 55) diz que “Não há sujeito, nem sentido, que não seja dividido, não há forma de estar no discurso sem constituir-se em uma posição-sujeito e, portanto, inscrever-se em uma ou outra formação discursiva [...]”.

Isso nos leva a pensar que, se em 1999, ano de publicação da obra nos Estados Unidos, provavelmente a discussão girasse em torno de “cabelos ruins”, crespos, e “cabelos bons”, os outros tipos, e não se falasse a respeito do empoderamento do cabelo crespo, esta temática poderia ter sido silenciada pelo racismo do dia a dia. Segundo Kilomba (2010, p. 173) “No racismo, a recusa é usada para manter e

legitimar estruturas violentas de exclusão racial”, ou seja, se em 1999 a obra fosse traduzida no Brasil, a escolha lexical poderia ser “Feliz em ter cabelo duro” ou “Feliz em ter cabelo ruim” sem maiores discussões, diferente do que ocorreu em 2018, cuja tradução para “Meu crespo é de rainha” só foi possível porque o empoderamento está sendo abordado, na obra, de forma simples e direta para que as crianças saibam lidar com a própria identidade através de um processo natural de identificação dos sujeitos com uma dada FD.

2 “PIXAIM, SIM!” O DISCURSO DO EMPODERAMENTO INFANTIL

Diante do que foi abordado, vejamos algumas sequências discursivas, SDs, extraídas do livro para adentrarmos um pouco mais na obra e iniciarmos os gestos de análises. Em “Pode ser moicano pro alto/ ou jogado pra baixo,/ amarrado com pompom,/ cortado bem curtinho,/ ou livre, leve e solto/ ao sabor do vento! (...) Pixaim, sim! Gosto dele bem assim!” (...), percebemos, na SD em destaque, que há uma preocupação do locutor em causar uma identificação do interlocutor com a obra, uma vez que as diferentes opções de estilo do uso cabelo podem refletir os diversos usuários: “moicano pro alto”, “jogado pra baixo”, “amarrado com pompom”, “curtinho” ou “solto”.

Há um interesse em valorizar a naturalidade do cabelo crespo, pois quanto mais pixaim e próximo da negritude, “Pixaim, sim! Gosto dele bem assim!”, mais cria-se um espaço de resistência que atravessa a invisibilidade imagética social inserida na memória dos infantes, um passo importante para incentivar crianças a gostarem dos seus cabelos crespos e naturais. Pixaim tem seu significado cunhado originalmente na cultura indígena para designar cabelo encarapinhado, crespo, enrolado, e foi como sinônimo de cabelo “ruim” que ele ganhou notoriedade na sociedade ocidental. Esse processo retoma uma memória social que coloca o cabelo crespo numa posição marginalizada. A definição de Courtine (2009, p.105) para memória, tomada de Foucault (1971, p.24), diz que: “discursos que originam um certo número de novos atos, de palavras que indefinidamente, para além de sua formulação, são ditos, permanecem ditos e estão ainda a dizer”. Neste caso, o *Nappy* “cabelo ruim”, ganha uma reformulação de sentido - crespo - em sujeitos que antes eram

silenciados pela negatividade que o sentido perjurativo, “ruim”, trazia para a expressão.

Pensando no que foi dito anteriormente, vejamos mais uma SD para análise: “Uma tiara,/ uma coroa,/ cobrindo cabeças cheias de estilo! (...) Feliz com meu crespo! O meu crespo é de rainha! (...) Menininha você é uma gracinha!/ Nosso crespo é de rainha!”. Em “Uma tiara,/ uma coroa,/ cobrindo cabeças cheias de estilo!”, fica mais evidente o deslizamento do sentido para a noção do empoderamento infantil. Por empoderamento, Horochovski conceitua (2006, p.9):

Empoderar é fazer com que indivíduos, organizações e comunidades ampliem recursos que lhes permitam ter voz, influência e capacidade de ação e decisão, notadamente nos temas que afetam suas vidas, em diversas esferas, de maneira formal ou informal. [...]. No que concerne aos estratos de menor status socioeconômico, implica estes tomarem consciência das injustiças de que padecem e passam a lutar para aumentar sua autoestima, autoconfiança, participação nas decisões que afetam suas vidas e sua independência econômica.

Assim, usar a metáfora da coroa mexe com o imaginário infantil e cria um espaço de aproximação das crianças com o tema abordado no livro. Este gesto simbólico de comparar o cabelo crespo com o um cabelo de rainha transmite uma ideia de empoderamento para os sujeitos que possuem esse tipo de textura. No trecho “O meu crespo é de rainha!(...)/ Menininha você é uma gracinha!/ Nosso crespo é de rainha!”, referência ao título da obra, percebemos a criação de um ambiente de empatia com o público que só é possível por causa das posições-sujeitos que são afetadas pelo discurso do empoderamento do cabelo crespo. Vejamos a seguinte ilustração do livro:

Imagem 1



Fonte: Meu crespo é de rainha

Os tons claros das cores em torno das crianças, o branco das roupas e o preto nos cabelos mostra diferentes sujeitos brincando livremente com seus cabelos crespos. A leveza na brincadeira e a união entre as crianças confirma que a proposta passada pelo livro é a de empoderamento infantil, ou seja, ter o cabelo crespo é divertido “Com cachos que giram, feito mola se enrola, vira cambalhota!”. Aceitar o cabelo crespo na sua forma mais natural traz a libertação para o sujeito que vive em uma sociedade opressora e preconceituosa onde o estereótipo fala mais alto. O livro é um poema ilustrado com cores vibrantes e alegres e com personagens que transmitem essa energia positiva. Vejamos mais duas ilustrações:

Imagem 2 – Capa do livro



Fonte: Meu cabelo crespo é de rainha

Imagem 3



Fonte: Meu cabelo crespo é de rainha

Na cultura africana, as cores, os tipos de penteados e os trajés têm seu significado de acordo com o contexto vivido por determinado grupo. As cores que cercam as crianças na imagem 1 são tonalidades claras, provavelmente para indicar a leveza das brincadeiras. Quando estão sendo cuidadas pelas mães, que penteiam os cabelos das filhas, as tonalidades adquirem tons mais vibrantes, o que pode indicar

a proteção, o cuidado das mães com suas filhas. Sobre as cores na cultura africana, vejamos:

Cada cor tem um significado. O verde indica renovação e crescimento, em clara analogia com as matas e florestas. Amarelo é símbolo do status e serenidade, além da fertilidade e vitalidade. Azul é a presença de Deus, a onipotência do céu, ao espírito puro que repousa em harmonia. O preto denota união com os antepassados. É a cor das provas, do sofrimento, do mistério, da consciência espiritual, do tempo e da existência. (DONA PRETA, 2013)

A volta à cultura africana, por meio das cores e penteados, a necessidade de criar empatia com o público, através das palavras de incentivo, tais como: “Menininha, você é uma gracinha!/ Nosso crespo é de rainha” é uma forma de criar um espaço de resistência, para sujeitos que são afetados por uma memória que propaga que o cabelo crespo é ruim, e empoderamento, despertando nesses sujeitos a vontade de aceitarem seus fenótipos não como uma condição negativa, mas como uma forma de libertação dos padrões sociais impostos de que a mulher negra, para ser considerada bonita, tinha que alisar o cabelo. Vejamos na próxima ilustração como o sentido negativo do termo crespo desliza para a noção do empoderamento com o termo rainha:

Imagem 4



Fonte: Meu crespo é de rainha

A escritora e militante do movimento negro norte-americano bell hooks, (2014, p.2), faz um importante relato sobre os cuidados que as mães transmitiam às filhas sobre os cabelos crespos no texto “Alisando o nosso cabelo”:

É um gesto que mostra que estamos nos aproximando da condição de mulher [...] Antes que se alcance a idade apropriada, usaremos tranças; tranças que são símbolo de nossa inocência, juventude, nossa meninice.

Então, as mãos que separam, penteiam e traçam nos confortam. A intimidade e a sina nos confortam. [...] É um instante sem os homens. Um tempo em que trabalhamos como mulheres para satisfazer umas as necessidades das outras, para nos proporcionarmos um bem-estar interior, um instante de alegrias e boas conversas.

O salão significava “um espaço real de formação de íntimos vínculos pessoais da mulher negra mediante uma experiência ritualística compartilhada”, pois lá elas encontravam um espaço de compartilhamento de pensamentos e emoções. Alisar o cabelo era uma tentativa de diminuir as diferenças raciais existentes na sociedade. Esse movimento, até hoje, tem adeptas no Brasil, mas importantes veículos de comunicação já estão propagando o uso do cabelo natural e muitas mulheres negras já estão cientes de que não precisam mais alisar os cabelos para serem socialmente aceitas como mulheres bonitas. Percebemos, nas frases da obra infantil, um movimento de apoio e incentivo para crianças que ainda estão em processo de formação de suas identidades. A escolha das frases, juntamente com as imagens (sempre coloridas, com crianças e suas cuidadoras) e o ambiente harmônico são fatores condicionantes para criar um contexto de empatia com o público.

Na obra de hooks, podemos perceber um verdadeiro espaço de resistência que, em vez de silenciar, dá visibilidade para o empoderamento negro. Orlandi (2007) diz que “O silêncio é. Ele significa. Ou melhor: no silêncio, o sentido é”, ou seja, linguagem se transforma em uma categorização do silêncio: “A linguagem se constitui para asseverar, gregarizar, unificar o sentido (e os sujeitos)”. Xongani (2018), em uma entrevista transcrita para o Jornal Nexa, fala a respeito da noção de beleza que uma criança negra brasileira tem: “A gente sabe que as crianças negras não se veem representadas na mídia, nos livros, nos livros didáticos. Elas não estão ocupando esse lugar do belo, do carinhoso, do bonito. É esse o processo de invisibilidade. Ser uma criança negra no Brasil significa crescer sem se ver”.

3 CONSIDERAÇÕES EM ANDAMENTO

A partir do que foi apresentado, pudemos compreender que a obra atua com um espaço de resistência para crianças que são afetadas com os discursos pessimistas que circulam na sociedade capitalista relacionados à estética negra, mais precisamente os que falam a respeito do cabelo crespo. Expressões como “Pixaim”, “Cabelo duro”, “Cabelo ruim” estão inseridas no cotidiano e repercutem em espaços

como livros, televisão, internet e tomam forma no imaginário infantil através do silenciamento da figura negra. Essas formas se concretizam através de personagens com o esteriótipo do homem branco europeu, com rainhas brancas de olhos claros e cabelos loiros. Contudo, “Meu crespo é de rainha” aborda a questão do empoderamento infantil a partir do lugar da criança negra que pode ter a liberdade de usar o cabelo da forma que quiser e ser feliz com essa escolha.

As personagens são negras, os penteados são os mais variados possíveis (presos, soltos, pro alto, moicano, coquinhos) e as cores são sempre coloridas e vibrantes, o que pode remeter a possível retorno à cultura africana. Mães cuidando dos cabelos das filhas, as crianças brincando livremente, sem se preocuparem com nada mais a não ser em serem crianças, e frases de incentivo a cada página do livro compõem o cenário político ideal contra o racismo. Acreditamos que se incentivadas desde cedo a aceitarem seus fenótipos afrodescendentes, a ideologia branca dominante não subjugará esses infantes que não terão vergonha ou receio de usar seus cabelos crespos naturais.

Por fim, destacamos que a obra tem uma relevância enorme para combater o racismo e reafirmar a identidade negra, pois as crianças desse grupo não têm um espaço aberto ao diálogo para conversar a respeito da raça. Essa temática requer uma compreensão de como o racismo acontece rotineiramente e de forma velada, uma vez que meninos e meninas sofrem preconceito constantemente por sua aparência e, muitas vezes, nem se dão conta de que estão sendo subjugadas pela ideologia branca dominante própria da sociedade capitalista.

REFERÊNCIAS

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37 ed, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BENVENISTE, Émile. **Da subjetividade da linguagem**, p. 281. In: Problemas de linguística Geral 1. Tradução de Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri, Revisão do professor Isaac Nicolau Salum - 4a ed - Campinas, SP: Ponte, 1995.

COURTINE, Jean-Jacques. **Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos**. São Carlos, Editora da Universidade Federal de São Carlos, 2009.

DONA PRETA. **As vestes africanas.** Disponível em: <https://identidadeblack.blogspot.com/2013/08/as-vestes-africana-parte-3.html>. Acesso em 24 de outubro de 2018, às 15h40min.

DICIONÁRIO HOUAISS <https://www.dicio.com.br/houaiss/>. Acesso em 22 de novembro de 2018, às 10h.

GOMES, Nilma L. **Corpo e cabelo como símbolos da identidade negra.** Disponível em: <http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/10/Corpo-e-cabelo-como-s%C3%ADmbolos-da-identidade-negra.pdf>. Acesso em: 10 de novembro de 2017, às 10h.

HOROCHOVSKI, Rodrigo R. **Empoderamento:** definições e aplicações. 30^o Encontro anual da ANPOCS, 2006. Disponível em: http://www.anpocs.org/portal/index.php?option=com_docman&task=doc_view&gid=3405&Item=232. Acesso em 25 de agosto de 2016, às 12h20min.

HOOKS, bell. **Meu crespo é de rainha.** Ilustração de Chris Rchka; [tradução de Nina Rizzi]. 1. ed. - São Paulo: Boitatá, 2018.

_____. **Alisando o nosso cabelo.** Revista Geledés Instituto da mulher negra, 2014. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/alisando-o-nosso-cabelo-por-bell-hooks/>, acesso em 10 de novembro de 2018, às 12h.

KILOMBA, Grada. **The Mask.** In: Plantation Memories: Episodes of Everyday Racism. Münster: Unrast Verlag, 2. Edição, 2010.

ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso:** Princípios e procedimentos. Campinas, 12^a ed. Pontes Editores, 2015.

_____. **Discurso em Análise:** sujeito, sentido, ideologia. Campinas, SP: Pontes editores, 2^a ed., 2016.

_____. **As formas do silêncio:** no movimento dos sentidos. 6a ed.- Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

PÊCHEUX, Michel., FUCHS, Catherine. **A propósito da Análise Automática do Discurso:** princípios e perspectivas. Im: GADET, F., HAK, T. (orgs). Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Tradução Bethania S. Mariani et al., 3^a edição. Campinas, AS: Editora da Unicamp, 1997.

_____. **Semântica e Discurso:** uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.

_____. **O discurso:** estrutura ou acontecimento. Tradução: Eni P. Orlandi. Campinas, SP, Pontes, 1990.

PENZANI, Renata. **Livro infantil “Meu crespo é de rainha” celebra o cabelo afro.** Disponível em: <https://lunetas.com.br/meu-crespo-e-de-rainha/>. Acesso em 10 de setembro de 2018, às 11h.

RIBEIRO, Djamila. **O empoderamento necessário**. Revista Geledés do Instituto Mulher Negra. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/o-empoderamento-necessario/>. Acesso em 10 de setembro de 2018, às 10h.

SILVA SOBRINHO, Helson F. da. **Discurso, velhice e classes sociais: a dinâmica contraditória do dizer agitando as filiações de sentidos na processualidade histórica**. Maceió, EDUFAL, 2007.

XONGANI, Ana P. In: **O livro infantil que incentiva meninas negras a amarem seu cabelo crespo**. Entrevista a Juliana Domingos de Lima, Jornal Nexo. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2018/04/18/O-livro-infantil-que-incentiva-meninas-negras-a-amarem-seu-cabelo-crespo>. Acesso em 5 de maio de 2018, às 9h.